UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
BACHARELADO EM MODA

Crisley Kelly da Silva Marcos

Tecidos, cores e estamparias: A resistência das culturas africanas na imagem de moda

Juiz de Fora
2025

Crisley Kelly da Silva Marcos

Tecidos, cores e estamparias: A resistência das culturas africanas na imagem de moda

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Moda, do Instituto de Artes e Design, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Moda.

Orientadora: Prof.ª Drª. Gabriela Andrade de Oliveira

Juiz de Fora

2025

Marcos, Crisley Kelly da Silva.

Tecidos, cores e estamparias: A resistência das culturas africanas na imagem de moda / Crisley Kelly da Silva Marcos. -- 2025.

53 f. : il.

Orientadora: Gabriela Andrade de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2025.

1. Cultura. 2. Tecidos . 3. Ancestralidade . 4. Resistência . 5. História . I. Oliveira, Gabriela Andrade de, orient. II. Título.

Crisley Kelly da Silva Marcos

Tecidos, cores e estamparias: A resistência das culturas africanas na imagem de moda

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Moda, do Instituto de Artes e Design, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Moda.

Aprovado em 13 de Março de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

_____
Drª. Gabriela Andrade de Oliveira – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____
Me. Camila Vitório Siqueira
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____
Drª. Gabriela Soares Cabral
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho a uma amiga (in memoriam), que não teve a oportunidade de seguir esse sonho. E a toda população afro-brasileira que luta pelo reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus familiares e amigos, que acompanharam e apoiaram a minha jornada de cinco anos no curso Bacharelado em Moda pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Agradeço em especial a minha mãe, Maria Aparecida da Silva Marcos, por demonstrar paciência no processo, por confiar em minhas escolhas e por ser a mulher que me motiva a ser cada dia mais determinada a conquistar meus sonhos.

Ao meu primo, Rodrigo Almeida, agradeço por ser o irmão mais velho que não tive, ter a sua presença na minha vida é muito importante, obrigado por sempre me incentivar a continuar, sendo a minha maior inspiração.

À minhas irmãs, Simone, Erica e Josiane, e à minha madrinha Ieda, por serem mulheres batalhadoras e que me fazem enxergar onde quero chegar. Aos meus sobrinhos, por serem as pessoas que me fazem querer ser o melhor de mim, em especial, Maria e Anna, que sempre vibraram pelas minhas conquistas.

Aos amigos que fizeram a jornada universitária ser menos difícil. Vitória Bicalho e MaDdu por segurarem a minha mão e escutar cada desabafo, Daniele, Erick e Micaella, pela ajuda e confiança para finalizar este trabalho, Gabriela Bonifácio e Matheus Coutinho, por terem me acolhido no início e se tornarem grandes amigos. Agradeço aos amigos do grupo Museu, e aos amigos feitos no Coletivo Descolônia e Diretório Acadêmico, obrigada por cada troca e conhecimento.

Larissa Carvalho Bispo (in memoriam), este trabalho é seu, agradeço por ser meu ponto de equilíbrio e a peça principal para que eu continuasse lutando pelo nosso sonho, ou melhor, o seu sonho, que foi interrompido dias antes de sair o resultado, apesar de ter reclassificado para mim, o segundo lugar sempre será seu.

Por fim, não poderia deixar de agradecer à minha orientadora, Profª. Drª. Gabriela Andrade de Oliveira, pela paciência durante o processo de escrita, cuidado e auxílio. E a minha psicóloga, Taiane Mimessi, pelo apoio emocional, incentivo e crescimento pessoal. Os meus mais sinceros agradecimentos a todos que fizeram parte do meu dia a dia ao longo desses cinco anos, desde os "tios” da limpeza e os seguranças, até aos colegas universitários.

Obrigada universidade pública pela oportunidade!

EPÍGRAFE

“Existe uma história do povo negro sem o Brasil, mas não existe uma história do Brasil sem o povo negro”

Januário Garcia

RESUMO

O trabalho busca explorar a relação entre as culturas africanas e as suas tradições com a moda brasileira, uma área de grande relevância para a população preta se encontrar e enaltecer a beleza e ensinamentos deixados pelos ancestrais. Com base nisso, este estudo tem como objetivo apresentar a história das estamparias africanas, destacando a preservação e resistência de alguns costumes das culturas desse continente no Brasil, além de focar na influência das culturas africanas a partir dos tecidos, cores e estamparias, evidenciando a marca cultural no processo de colonização e miscigenação do Brasil, resultando na afro-brasilidade. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi conduzida pelos métodos de pesquisa de campo, envolvendo viagens e observações diárias, bem como ensinamentos de formação como pessoa negra, os quais integraram o processo criativo. Além disso, foi realizada pesquisa bibliográfica a partir da leitura de livros e artigos, que compõem a parte teórica deste trabalho. A pesquisa foi um processo que teve que seguir alguns rumos diferentes do previsto inicialmente, que propunha a criação de um catálogo de tecidos africanos. Devido a escassez de material sobre têxteis africanos, optou-se por fazer um editorial de moda que colocasse em evidência a afro-brasilidade a partir das cores, tecidos e estamparias oriundas de culturas africanas diversas. A investigação teórica que antecedeu o processo criativo do editorial levantou dados sobre os diversos tipos de tecido presentes nas culturas africanas, seus modos de produção e significado, bem como investigou a influência africana nos diversos estados brasileiros, a preservação de costumes africanos como roupas, músicas, danças e culinária e o crescimento do afro-empreendedorismo no Brasil. Esses dados apontam para a importância deste trabalho, que objetivou, entre outras coisas, destacar a urgência de a população negra ter mais voz para contar a história do Brasil do seu ponto de vista, para que as crianças negras, assim como os adultos, sejam influenciados a conhecer a cultura ancestral e não ter vergonha dela, afinal, nada melhor do que ter a liberdade de ser quem você é e ter orgulho da luta pelos direitos que começou a partir dos seus ancestrais. Os resultados do editorial, que podem ser vistos adiante, buscaram destacar esses aspectos da afro-brasilidade.

Palavras-chave: Cultura. Memória. História. Tradição. Resistência

ABSTRACT

The work seeks to explore the relationship between African cultures and their traditions with Brazilian fashion, an area of great relevance for the black population to find and praise the beauty and teachings left by the ancestors. Based on this, this study aims to present the history of African stoppers, highlighting the preservation and resistance of some customs of the cultures of this continent in Brazil, as well as focusing on the influence of African cultures from tissues, colors and stamping, evidencing the cultural brand in the process of colonization and miscegenation of Brazil, resulting in Afro-Brasility. The research, qualitative, was conducted by field research methods, involving travel and daily observations, as well as training teachings as a black person, who integrated the creative process. In addition, bibliographic research was performed from reading books and articles, which make up the theoretical part of this work. The survey was a process that had to follow some different directions from the forecast initially, which proposed the creation of a catalog of African tissues. Due to the scarcity of material on African textiles, it was chosen to make a fashion editorial that would emphasize Afro-Brasility from colors, tissues and stoppages from diverse African cultures. Theoretical investigation that preceded the creative process of the editorial raised data on the various types of tissue present in African cultures, their modes of production and meaning, as well as investigated African influence in the various Brazilian states, the preservation of African customs as clothing, songs, dances and cuisine and the growth of Afro-entrepreneurship in Brazil. These data point to the importance of this work, which aimed, among other things, to highlight the urgency of the black population to have more voice to tell the history of Brazil from his point of view, so that black children, as well as adults, are influenced to know the ancestral culture and Not being ashamed of her, after all, nothing better than having the freedom of being who you are and be proud of the struggle for rights that began from your ancestors. The results of the editorial, which can be seen below, sought to highlight these aspects of Afro-Brasility.

Keywords: Culture. Memory. History. Tradition. Resistance

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tear de Mão 16
Figura 2 – Tecido Kente 19
Figura 3 – Tecido Bogolan 20
Figura 4 – Manta Fulani sendo leiloada 21
Figura 5 – Tecido Adire 22
Figura 6 – Tecido Kuba 23
Figura 7 – Negras da Bahia 28
Figura 8 – Taís Araújo veste Meninos Rei 30
Figura 9 – 8° edição da Feira Ébano 33
Figura 10– Fundadora da Casa das Kapulanas 33
Figura 11 – Fundadores da Boutique da Krioula 34
Figura 12 – Meninos Reis na SPFW 35
Figura 13 – Estúdio Almeida Fleming 38
Figura 14 – Prancha de beleza 39
Figura 15 – Prancha de poses 40
Figura 16 – Prancha de acessórios 41
Figura 17 – Duafe 42
Figura 18 – Ananse Ntontan 43
Figura 19 – Aya 44
Figura 20 – Nyansapo 45
Figura 21 – Sankofa 46
Figura 22 – Wawa Aba 47
Figura 23 – Malatapow 48
Figura 24 – Bese Saka 49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11

2 A CULTURA E A MODA NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO.....13

2.1 A HISTÓRIA DA TECELAGEM NO CONTINENTE AFRICANO..... 15

2.2 O DESENVOLVIMENTO DOS TÊXTEIS ARTESANAIS AFRICANOS..... 18

2.3 O PROCESSO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA..... 24

2.4 A INFLUÊNCIA DAS CULTURAS AFRICANAS NA MODA BRASILEIRA..... 26

2.5 COMO A MODA AFRICANA VEM SENDO INTRODUZIDA NA MODA BRASILEIRA COTIDIANA.....29

3 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E O MERCADO AFRO BRASILEIRO.....31

4. EDITORIAL..... 37

4.1 SOBERANIA AFRICANA..... 37

4.1.1 Locação..... 38

4.1.2 Beleza.....39

4.1.3 Pose.....40

4.1.4 Acessórios..... 41

4.2 FOTOS.....42

4.3 CRÉDITOS DO EDITORIAL.....50

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 51

REFERÊNCIAS.....53

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista que muitos de nós, como seres possuintes de vários sentidos, temos mais clareza das percepções do mundo de forma visual, as expressões da arte se tornam mais compreensivas. Porém, para muitos a linguagem visual não é um recurso fácil de compreender, muito menos aprender a valorizar uma história por trás de uma obra, além de ativar a riqueza da exploração em relação a outras culturas.

Um maior número de pessoas deveria ter a oportunidade de acessar a herança africana prevalecida neste país, em função da triste trajetória de exploração de trabalho escravo no processo de colonização. É fundamental que todos possam experienciar o universo cultural, repleto de riqueza, que é a herança cultural africana, que enriquece e realça a cultura brasileira que conhecemos hoje.

É de conhecimento que as vestimentas que nosso corpo veste narram uma história, não apenas a nossa, mas também a de milhares de pessoas envolvidas em seu processo de produção, desde a seleção das matérias-primas e tecidos, até a finalização de uma, não tão simples, “blusinha”. Já imaginou como seria se as estampas presentes nessas peças transportassem histórias extraordinárias e tivessem um valor significativo para seus criadores?

No continente africano muitos tecidos possuem essas histórias extraordinárias e trazem simbolismo para seus povos. Suas estamparias são capazes de simbolizar riqueza, tradição e revelar a qual povo pertencem. Alguns desses tecidos carregam uma história, podendo representar seus monarcas e até mesmo externalizar eventos importantes, como o nascimento de um novo membro da comunidade. A riqueza desses tecidos é tanta, a ponto de esses tecidos serem alvo de comercialização por parte de outros países.

> O estabelecimento, a partir da segunda metade do século XV, de uma ligação comercial marítima entre a África e a Europa Ocidental parece ter oferecido, inicialmente, as oportunidades necessárias à África Negra, com vistas a operar uma rápida transformação econômica e social. Além do crescimento no comércio do ouro, algumas produções agrícolas, como a pimenta, tiveram início e, inclusive, um certo incentivo foi oferecido em prol do aumento da produção de tecelões africanos, uma vez que os portugueses e os holandeses haviam participado da distribuição de tecidos africanos em diferentes pontos litorâneos do continente (INIKORI, 2010, p.60).

Numa breve contextualização histórica, é importante destacar o que é, até hoje, a representação dos tecidos africanos, que vai além de um simples pano, funcionando também como um meio para uma mensagem social. Devido ao fato do Brasil ter sido colonizado por europeus, trazendo consigo pessoas escravizadas, antes mesmo da liberdade, influenciaram profundamente a cultura brasileira com as tradições e costumes de seus povos africanos, que assim resultou na criação da cultura afro brasileira, esta cultura que vem expandindo no país e sendo cada vez mais valorizada graças à luta de seus representantes.

Em conclusão, este trabalho deverá resultar em um editorial de moda em reverência à junção da cultura brasileira e a herança africana aqui estabelecida, prestando homenagem àqueles que foram cruelmente tirados de seus lares e escravizados. A proposta traz à tona a beleza da padronagem dos tecidos africanos, entrelaçando-os com a moda brasileira, ressignificando o momento em que foram libertados e narrando uma trajetória onde a essência é o bem viver dessa população que foi maltratada, na tentativa de que suas histórias fossem apagadas, mas que agora resiste por meio de outras narrativas. Assim, este trabalho tem como principal resultado a realização de um editorial de moda que procura ilustrar essa narrativa a partir da fotografia e da produção de moda e, principalmente, por meio dos tecidos, cores e estampas africanas.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na seção 2 é abordada a cultura e a moda no processo de ressignificação, para tal, debruçou-se sobre a história da tecelagem no continente africano, o desenvolvimento dos têxteis artesanais daquele continente, o processo da cultura afro-brasileira, bem como a influência das culturas africanas na moda brasileira e como a moda africana vem sendo introduzida na moda brasileira cotidiana. Posteriormente, na seção 3, o trabalho se dedica a sociedade contemporânea e o mercado afro-brasileiro. Na seção 4 tratamos do desenvolvimento do trabalho, isto é, do processo de criação, desenvolvimento e finalização do editorial de moda.

2 A CULTURA E A MODA NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO

Neste capítulo, será apresentado o foco central da pesquisa, isto é, a relação entre cultura e moda. Entretanto, para melhor compreensão, serão discutidos tópicos e conceitos sobre a história, a cultura e a relação do Brasil com a história de uma sociedade escravizada.

Conforme disse a artista Elza Soares, ”a carne mais barata do mercado é a carne negra. Que fez e faz história, segurando esse país no braço.” E a cultura brasileira vive diariamente essa realidade: os negros que pensam no “ser branco”, e que por muitas vezes buscam se assemelhar às pessoas brancas, pois a beleza branca é estereotipada e citada como a perfeição, mesmo sendo um país diverso, de múltiplas cores, a população branca é dominante e, por isso, tem seus privilégios. Sendo assim, o assemelhar-se ao branco, os torna menos propícios a apontamentos racistas. Como aponta Lélia Gonzales,

> A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada. Então, para mim, uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude está na luta contra o racismo. As outras são mulatas, marrons, pardos etc. (GONZALES, 1988).

O processo de miscigenação no Brasil evidencia essa realidade em que, aos poucos, as pessoas negras afirmam sua identidade e reivindicam seu espaço, lutando por justiça e igualdade social. Elas se conectam com suas raízes culturais, ganhando confiança para se declarar como uma pessoa preta, de forma a deixar evidenciado uma história que foi silenciada, mas não esquecida. É um processo lento, mas muito importante para a população, lutar pelos direitos e não se calar diante das injustiças.

> O racismo latinoamericano é suficientemente sofisticado para manter negros e indigenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento (GONZALES, 1988, p.73).

Os subcapítulos seguintes deste trabalho exploram a relação entre o continente africano e a tecelagem artesanal, a simbologia presente nas estamparias

e o significado da história por trás desses tecidos confeccionados. Também discutem o processo de colonização do Brasil e a miscigenação, além da ressignificação e resistência da população negra no país. Por último, a relação da moda brasileira com as culturas africanas, e como essa relação influencia na maneira de se produzir, conferindo uma identidade ao dia a dia dos brasileiros.

> O vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenha um papel de maior importância na construção social da identidade. A escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso (CRANE, 2006, p.21).

Sendo assim, a intenção é apresentar essa narrativa através das culturas presentes em África e como ela pode ser aplicada no Brasil. Isso incluirá uma representação histórica e uma abordagem contemporânea, destacando como uma sociedade pode ser construída por meio de uma identidade e uma organização social, enfatizando a validação racial como um elemento crucial na construção da cultura brasileira.

Em decorrência disso, o destino esperado para este trabalho é a ressignificação de uma narrativa mal contada, a conexão da cultura e o vestuário, e a recuperação de uma memória ancestral, ou tradição. Além disso, busca reafirmar valores, por meio da comunicação visual e da releitura dos fatos, em benefício de uma população injustiçada. Se essa história pudesse ter um desfecho diferente, seria mais justo que fosse reescrita por aqueles que vivenciam, na própria pele, a experiência de ser uma pessoa negra na sociedade atual. Conforme elucidado por Angela Davis, “numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista.”

2.1 A HISTÓRIA DA TECELAGEM NO CONTINENTE AFRICANO

É de amplo conhecimento que o continente africano é rico em história e cultura e detém uma importante tradição dos têxteis, que colabora com a linguagem visual e com diversas referências frequentes no meio da moda. Sendo um dos continentes mais antigos, a história da tecelagem na África começa a partir de tecidos feitos com casca de árvore batida e pele de animais pintadas com tintas encontradas na natureza, ou seja, pigmentos naturais.

No século XI surgiu o processo de tecelagem dos fios no continente africano e, durante muito tempo, esses tecidos foram sinônimo de status, sendo utilizados por reis e pessoas com poder, considerado como um símbolo social e de riqueza. Esses tecidos, geralmente confeccionados com lã de carneiro, pelo de alguns animais, algodão e seda, contavam uma história, a história da família real, e eram tecidos seguindo as tradições do seu povo, de sua região ou do seu país, determinando quantos grupos étnicos existem no continente (PEZZOLO, 2019).

Os desenhos e as padronagens dos tecidos confeccionados sofreram alterações com a chegada dos portugueses no século XV, mas foi apenas no século XVII que a influência europeia foi aplicada na cultura dos tecidos africanos, antes vistos como um padrão geométrico. Com isso, foram oficializadas duas técnicas têxteis: a aplicação em tecido e o trabalho com miçangas. A primeira técnica se dá a partir da aplicação de retalhos de tecidos sob um tecido base, sendo utilizado em todo o continente. Já a segunda técnica, consiste na aplicação de miçangas em tecidos e adornos que eram trazidas da Europa, essas miçangas eram utilizadas como moedas de troca por mercadorias como ouro, marfim e escravos.

Sabe-se que as culturas africanas trazem uma mensagem social e os seus tecidos não são diferentes, eles têm o seu papel hierárquico, seja como moeda de troca, prestígio e poder, os tecidos são tratados como uma segunda pele, a cobertura para o corpo, contando a história do seu povo desde o processo de fabricação até o vestir. Uma variedade de tecidos são confeccionados contando essa história e esse processo é feito a partir de dois tipos de teares de liço: o de liço único e o duplo.

Figura 1 - Tear de mão

Fonte: Acervo Capadócia Leilões

O liço consiste em um conjunto de fios verticais que passam pelos fios de urdume, o liço único é feito com movimentos manuais, sendo o mais utilizado, ele confecciona tendas, roupas e esteiras. O liço único montado na vertical era o mais utilizado no continente africano, exceto em dois países, Nigéria e Zaire, essa forma de tecer, na vertical, era considerado um método de tortura para quem fazia a tecelagem de lã de cabra, algodão, ráfia e couro. O liço duplo é utilizado excepcionalmente por homens, com o movimento do urdume sendo feito de duas formas: com os dedos dos pés, ou utilizando os pedais. Este tear, o liço duplo, é mais comum no oeste e no nordeste do continente Africano, utilizado com a finalidade de confeccionar roupas. Enquanto no nordeste se utiliza mais a matéria prima do algodão, no oeste também os tecidos também são feitos com rayron e lurex.

As técnicas de tecelagem são excepcionais, mas os tecidos do continente também são marcados pelo processo de tingimento e estamparia. Batik, o mais conhecido no mundo todo, é a técnica que deu origem aos tingimentos artesanais, marcando com riqueza as cores e se transformando em uma arte complexa. Essa técnica consiste na aplicação de cera quente sobre o tecido, antes de ser mergulhado na coloração, fazendo com que as partes com a aplicação de cera não sejam penetradas pelo corante.

As estamparias impecáveis são notáveis e se tornaram uma marca registrada da África, tendo diversos significados, sendo capazes até de distinguir estado civil. Um dos mais tradicionais é o Bogolan, original do grupo étnico bambara, significa “feito na lama”, os desenhos geométricos são feitos sobre o tecido com lama retiradas do poço, após estar seco pelo sol, os tecidos são lavados para assim serem expostos ao sol novamente e, assim, as estampas são reveladas no tecido.

Atualmente, as técnicas artísticas utilizadas em alguns tecidos do continente africano são uma inspiração para diversos trabalhos artesanais na moda, no processo de desenvolvimento e na história a ser contada a partir do processo de criação, sendo um elemento muito significativo na arte e na moda.

2.2 O DESENVOLVIMENTO DOS TÊXTEIS ARTESANAIS AFRICANOS

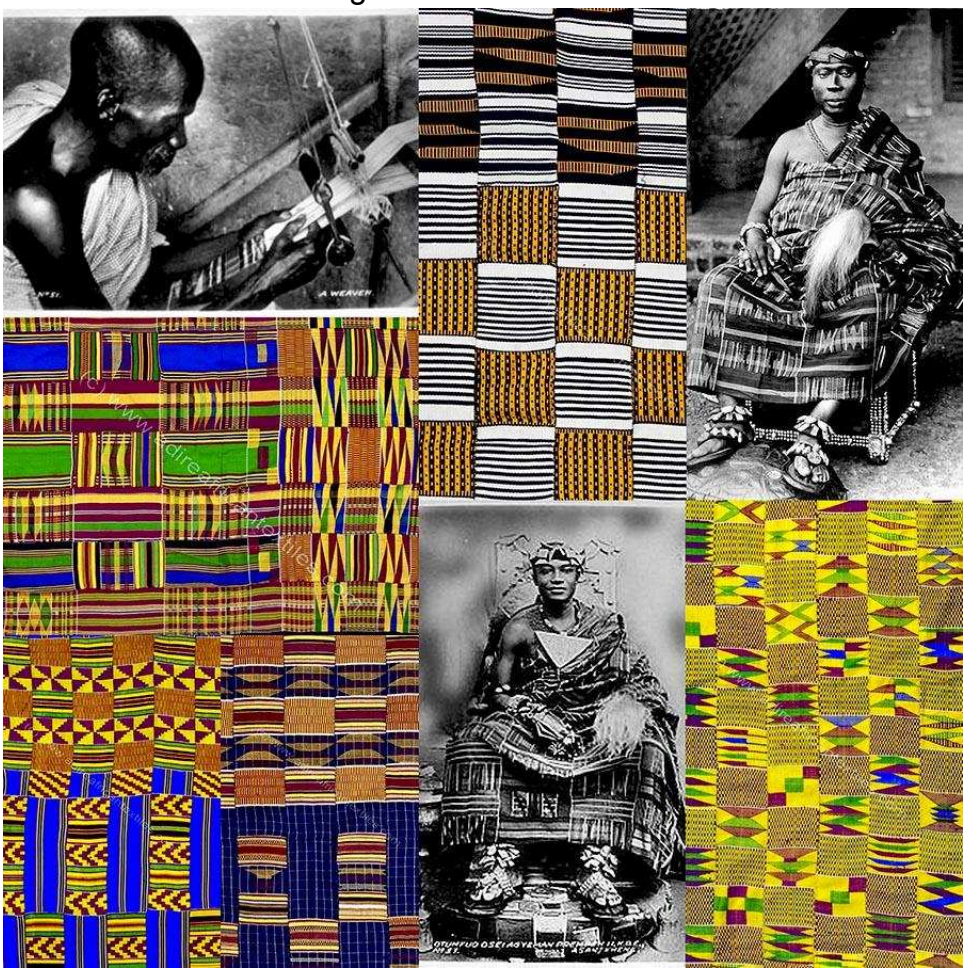
A tecelagem africana conta suas histórias por meio de uma linguagem visual. Como dito anteriormente, cada país do continente africano segue suas próprias tradições, sendo determinadas a partir do grupo étnico, do povo e sua região, que distingue cada uma delas. São grupos ricos, de uma cultura que o tempo e as situações de opressão e globalização não conseguiram apagar, simbolizando força, resistência e criatividade, que deve continuar sendo passado adiante.

> Os tecidos africanos são mais que produtos de moda; são expressões de identidade, resistência e orgulho cultural. Em muitos países africanos, eles são usados para marcar eventos importantes como casamentos, rituais de passagem e celebrações comunitárias. Além disso, a venda e produção desses tecidos geram renda e empoderamento econômico para artesãos locais, promovendo a sustentabilidade e o comércio justo. (ANTÔNIA, 2024, p.3)

Cada país tem seus costumes e sua própria tecnologia para criar os tecidos artesanalmente, tirando inspiração de situações do cotidiano da população. Gana, por exemplo, usa técnicas de povos tradicionais, carregadas de significados culturais, sendo um dos principais centros de tecelagem, cujo tecido mais conhecido é o Kente.

Cada padrão do tecido Kente tem um significado e ganha um nome próprio e símbolos. Criado na África ocidental, pelo povo Ashanti, de Gana, o nome é proveniente da palavra *Kenten*, que significa “cesta”, por conta do padrão que era criado no tecido com tiras entrelaçadas. De acordo com o *True Fabrics, a origem* do Kente vem de lendas históricas, onde o tecido era feito para as famílias reais, sendo usados para ocasiões especiais.

Figura 2: Tecido Kente



Fonte: Site Afro & Africa (2011)

Feito a mão, cada rei escolhia junto ao tecelão um padrão geométrico, com as cores e os símbolos que se associavam à família real. Cada cor leva um significado simbólico, e os tecidos representam a filosofia e ética da cultura ganense. O branco, raramente utilizado, representa a pureza espiritual ou a inocência; o amarelo a prosperidade, o ouro era muito utilizado pelos reis; o verde a harmonia ou a vida, representando a juventude; o azul, por sua vez, significava sabedoria, inspirado no céu, por ser um grande espaço.

Atualmente, o tecido real ainda significa poder e prestígio, feito de seda e algodão, considerado uma herança cultural ancestral, que passa por gerações. Símbolo de momentos especiais, ele é dado aos recém-nascidos para trazer prestígio e uma vida abundante, além de também ser muito utilizado em cerimônias reais, casamentos, festas e funerais.

O Mali, um país também localizado na África Ocidental, possui uma tradição têxtil única, com produções de tecidos grossos e pesados. O bogolan, citado anteriormente, é um tecido trançado de algodão, tingido a partir da decocção de folhas e padronizado com argila. A *Casa das Kapulanas* criou um artigo onde afirma que o bogolan era tradicionalmente usado por caçadores como camuflagem e também como um rito de passagem para jovens. Utilizado para a proteção espiritual de mulheres grávidas ou em período menstrual, atualmente ele também é usado para ocasiões especiais, além de rituais como casamentos e funerais.

Figura 3: Tecido Bogolan

Fonte: Site Afro & África (2011)

Neste segmento, o Mali tem um dos tecidos que são conhecidos no mundo todo, a Manta Fulani, um cobertor que era produzido por homens, chamados de Maboudes, feito manualmente com lã de ovelha, considerado um tecido pesado, cujo processo de confecção era secreto. As mulheres, por sua vez, eram responsáveis apenas por fiar e tingir o cobertor. A manta, que possui até 6 tiras unidas de 20 cm de largura e comprimento entre 1,80 m e 2,40 m.

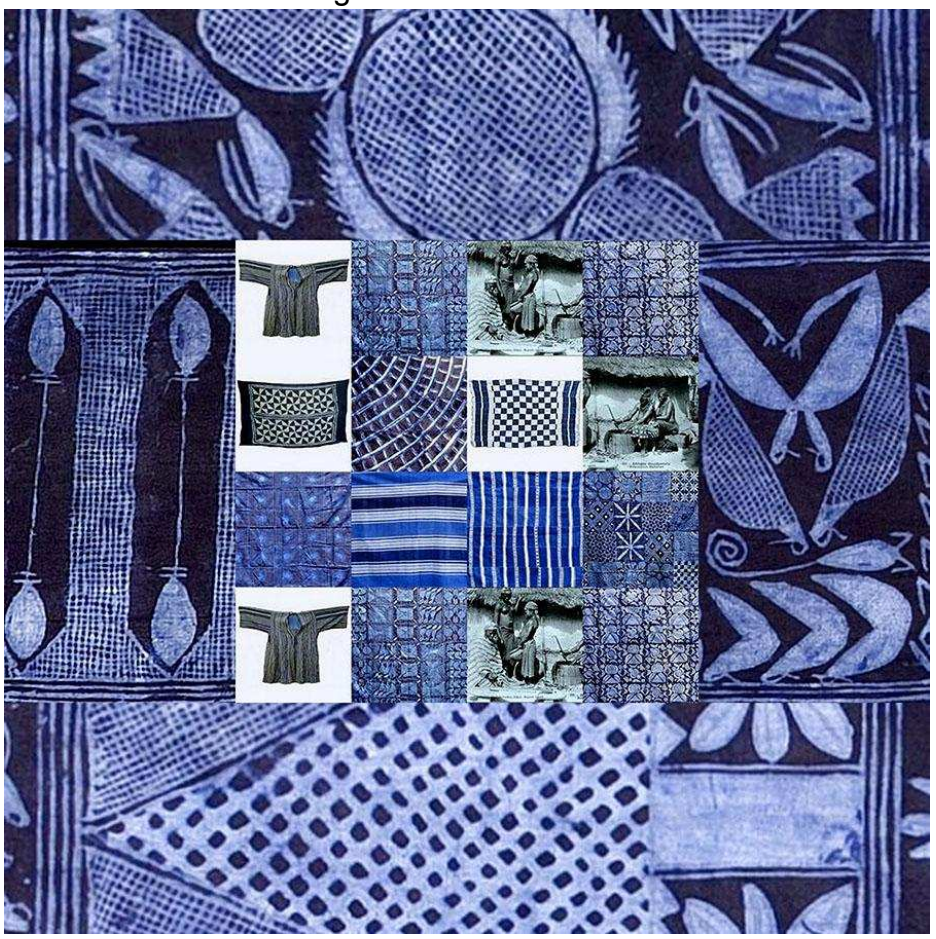
Figura 4: Manta Fulani sendo leiloada

Fonte: Site Velho que Vale Antiguidades (2023)

O nome do tecido se deu por conta de nômades do deserto, os Fulani, que usavam essa manta para se proteger do frio dos ventos fortes, comum na mudança de clima no deserto. Em outros países também era utilizada para proteger contra os mosquitos.

Apesar de Gana e Mali serem referências na produção de tecidos artesanais, a Nigéria, um país conhecido mundialmente, localizado no Golfo da Guiné, também traz consigo uma produção de tecidos originais com processos artesanais. O Adire, usado tradicionalmente para celebrar o casamento, foi criado pela tribo iorubá, pela técnica de amarrar e tingir o tecido, o nome tem o significado de “dar nó e tingir” , sendo marcado por ser um tecido colorido, com uma padronagem única.

Figura 5.: Tecido Adire



Fonte: Site Afro & África (2011)

A produção do Adire pode ser feita com duas técnicas diferentes, a primeira a partir de um pano de algodão branco amarrado por ráfia e tingido - os panos são amarrados para que o tingimento não pegue em algumas áreas e assim forma uma espécie de padronagem, inspirado na técnica asiática, que lembra o tie-dye. Na segunda técnica, o tecido é pintado à mão com estêncil, conhecido como arte caligráfica, usando pasta de mandioca, que permite ao artista criar uma padronagem única também.

Por fim, não se pode deixar de abordar o desenvolvimento do Kuba, um tecido que segue as tradições do reino de Kuba, localizado na República Democrática do Congo. De acordo com o site *O atlas do artesanato* os têxteis Kuba são tecidos bordados elaborados feitos de fibra de ráfia, produzido por homens a partir da extração e preparação das fibras, sendo a produção do tecido tradicionalmente feita pelos membros da mesma família.

Figura 6: Tecido Kuba

Fonte: Site Afro e África (2011)

Por causa das fibras de ráfia, o tecido fica grosso e áspero, e precisa passar por um processo de amaciamento. Após a tecelagem, esse processo é feito a partir do embrulho dele em outros tecidos e deixado de molho em um pilão, de modo que ele seja amassado manualmente. Assim que o tecido se torna maleável, é bordado.

Os bordados e apliques são feitos pelas mulheres da família, a partir do tingimento natural das linhas com pigmentos vegetais. As principais cores do Kuba são amarelo, preto, verde e vermelho e é comum que ele seja comparado a uma tapeçaria, podendo ser usado também na confecção de sapatos, bolsas ou acabamentos de roupas.

> A fabricação dos tecidos africanos combina métodos tradicionais com inovações contemporâneas. Muitas comunidades ainda seguem técnicas ancestrais de tecelagem e tingimento, garantindo a preservação cultural e a sustentabilidade. Ao mesmo tempo, designers modernos incorporam esses tecidos em criações fashion, levando a herança africana para as passarelas internacionais. (ANTÔNIA, 2024, p.2)

Por mais complexa que a produção desses tecidos possa ser, é importante notar que cada região conta a sua história através dos tecidos feitos a mão, desde a criação das fibras, até o acabamento de cada um deles. Cada processo é único e inspirado nas culturas africanas, sendo diversificado pelos grupos étnicos existentes no continente e responsável por carregar as distinções entre suas culturas.

2.3 O PROCESSO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Considerável parcela da população brasileira compreende que o Brasil passou por um processo de colonização, mas percebe-se que há um abismo do conhecimento entre as circunstâncias em que se deu a colonização brasileira, quanto aos propósitos de miscigenação, além de como foram trazidos costumes culturais da sociedade africana, cujos indivíduos foram sequestrados brutalmente de seu continente e escravizados covardemente em outros, incluindo o Brasil, junto aos nativos que aqui já habitavam, sendo violentamente separados de suas terras, suas culturas, suas crenças e todo o universo que lhes dava sentido enquanto indivíduo e sociedade.

A discriminação racial ainda é um assunto debatido com bastante relevância, ressaltando a importância da reafirmação de que pretos, pardos e indígenas, podem e devem ter direitos iguais aos brancos. Atualmente o tema racismo estrutural vem sendo abordado fortemente nas redes sociais, discutido por especialistas, se tornando um assunto crescente, sendo exemplificado, além de oferecer informações à população que não tem conhecimento de que determinadas situações cotidianas se encaixam no racismo, ou não sabem se defender dos ataques.

De acordo com Conceição Evaristo (2019), pela nossa longa experiência, a democracia racial no Brasil é um mito. Os negros sabem muito bem o cotidiano da falácia desse discurso.

O decreto n° 4.886/2003 (BRASIL, 2003), que fala sobre a política nacional de promoção da igualdade racial, tem como finalidade realizar ações a fim de reduzir a desigualdade racial em relação à população negra. Entretanto, o cotidiano da maioria dos brasileiros se dá em uma jornada intensa de trabalho, uma família para sustentar e uma desvalorização das suas atividades habituais. Para a população negra, esses obstáculos se tornam mais desafiadores, tanto o racismo estrutural quanto o ambiental, dificultam cada vez mais o dia a dia daqueles que querem

apenas levar uma vida leve, em um país em que muitos prefeririam que a população negra não existisse.

A população brasileira já passou por uma política que idealizava o branqueamento no país. Essa teoria se inicia no final do século XIX, a partir de uma análise do período de escravidão no Brasil, com a miscigenação da sociedade brasileira. Sabe-se que negros não se encaixavam nos padrões de beleza europeus, sendo tratados como “raça inferior”, tendo base como os traços físicos, a cor da pele e curvatura dos cabelos.

Analisando por essa perspectiva, a vinda de milhares de europeus para o Brasil após o abolicionismo, também chamado de invasão europeia, venha a ser a ideia de progresso na criação de uma nova nação, com atribuição a raça branca considerada “civilizada”, sendo assim o extermínio dos “inferiores”, se aproveitando da vulnerabilidade ao qual a população negra, recém libertada, estava passando.

A idealização de que o novo país encontrado deveria ser habitado apenas pela raça branca, seria uma estratégia para criar uma população com costumes considerados refinados, como forma de transformar os valores europeus a partir da aniquilação dos fenótipos negros, e após algumas gerações esse plano teria sido concluído. Com isso, tentaram modificar uma cultura rica em história, além de aprisionar os nativos, os forçaram a aprender uma nova língua, seguir novos costumes, e aqueles que foram sequestrados de seu continente, forçados a prestar serviços em condições de escravidão e vendidos como mercadorias.

Contudo, o processo de colonização não saiu como esperado, a cultura instaurada num coração não pode ser apagada enquanto houver a memória, e uma memória afetiva sempre será lembrada e passada adiante, porque até o balançar do corpo, por mínimo que seja, é uma arte. As culturas africanas saíram de um continente e continuou sendo executada no Brasil, com algumas adaptações para que assim não fosse descobertas e destruídas, mas aos poucos tomando forma, as culinárias, as danças, as vestimentas e as crenças religiosas. Elas foram se valorizando novamente, afinal, a África chegou no Brasil através do tráfico de pessoas, mas trouxe um novo sentido, uma nova expressão, uma nova história a ser contada, criando, assim, o que hoje chamamos de cultura afro-brasileira.

2.4 A INFLUÊNCIA DAS CULTURAS AFRICANAS NA MODA BRASILEIRA

Para iniciar esta seção, lembramos que a África é um continente rico em culturas, existindo várias versões de Áfricas dentro de uma única África. Mas um continente com tanta diversidade cultural deveria servir de inspiração para vários países em outros continentes existentes. A identidade das culturas africanas iriam se misturar com a cultura brasileira a ser criada, por meio da globalização.

Com a fusão de culturas no Brasil, as culturas africanas são as que mais se destacam na população brasileira, como culinária temos a feijoada e o acarajé, no âmbito religioso, temos a Umbanda, uma religião que foi inspirada no culto aos orixás, vinda do candomblé. Em relação à música e dança, temos o maior de todos, o samba, que vem da mistura do batuque com a polca e o maxixe.

Ao lado de todas essas representações culturais, estão os tecidos, que constituem um dos elementos da cultura material mais importantes, que proporcionam o conhecimento da realidade cultural dos povos e, esse simbolismo, é essencial para a interpretação das culturas. O simbolismo apresentado nos tecidos representa as culturas africanas de forma intencional, trazendo uma reflexão sobre a diversidade das realidades africanas, de sua forma social e de sua resistência, juntamente com a sabedoria milenar.

> Vale dizer que os tecidos assumem grande importância à medida que se mostram como tela de representação para o melhor entendimento do processo de construção da identidade afro-brasileira. (VIDAL, 2020, p. 94)

O corpo é um espaço a ser ocupado, o corpo vestido é carregado de significados, ele é político. Na moda brasileira ele simboliza a resistência, a ancestralidade e a indumentária, a moda como linguagem. Diana Crane (2006) apresenta o vestuário como artefatos que criam comportamentos por sua capacidade de permitir que as pessoas afirmem identidades sociais. A moda sempre foi um diferenciador de classes, constantemente em evolução, ela é construída a partir das identificações e experiências das pessoas.

O Brasil, sendo um país referência em costumes culturais, movimenta na moda as culturas africanas através de signos que podem ser analisados por meio da semiótica. O uso de diversas cores, estampas e produtos feitos à mão, da produção

de fibras naturais até a produção de peças únicas, feitas artesanalmente, como o crochê, trazendo uma experiência diferenciada aos consumidores. O uso de acessórios e adornos que realçam a beleza das peças, como as miçangas, muito utilizadas nas culturas africanas, também o uso de peças chave, como peças brancas e com rendas, conseguimos identificar assim trajes típicos, como os das baianas.

Afinal, o Brasil é conhecido pela criatividade e diversidade, portanto as culturas da África influenciam no uso de alguns materiais para deixar o estilo cada vez mais único, o uso de lenços amarrados pelo corpo, como a variedade de amarrações de turbantes, já estão há algum tempo introduzidas na nossa moda. Sendo assim, no processo de miscigenação cultural, conseguimos avaliar a identidade e a história deixadas para nós, percebemos que aos poucos se valoriza mais, sendo perceptível que a força cultural permaneceu mesmo após a escravatura.

Figura 7 - Negras da Bahia

Fonte: Acervo IMS/Alberto Henschel (1869)

2.5 COMO A MODA AFRICANA VEM SENDO INTRODUZIDA NA MODA BRASILEIRA COTIDIANA

Como dito anteriormente, as culturas do continente africano foram introduzidas no Brasil a partir do processo de colonização que aqui ocorreu, com a chegada de pessoas escravizadas que trouxeram uma cultura que prevaleceu no país. Os trajes africanos, foram adotados pela população negra, principalmente mulheres, sendo usados em eventos que prestigiam a cultura preta.

Além disso, a moda africana é introduzida na moda brasileira cotidiana a partir dos acessórios, colares e brincos feitos de miçangas, ou feitos artesanalmente de materiais nos quais são esculpidos imagens que representam a África; os lenços amarrados na cabeça, também podendo ser os turbantes, resgatando uma resistência e luta contra o racismo.

O grafismo e as estampas também são parte da moda brasileira herdada pela moda africana, a arte de produzir arte, imagens que representam histórias, cores vivas que marcam presença, a reafirmação de uma identidade, artefatos que representam a moda afro-brasileira. Atualmente o estado que mais consome cultura negra é a Bahia, através dos costumes, valores e preservando o espaço religioso.

Vale ressaltar, que a moda africana além de ser introduzida no Brasil em forma de estampas e modelagens, também está presente no dia a dia dos cultos aos orixás. No livro *O africano que existe em nós, brasileiros* (2015), a autora Julia Vidal escreve que analisar a simbologia e a maneira de se comunicar de etnias africanas proporciona um entendimento um pouco melhor de sua própria cultura. Também não podemos falar de África sem falar das religiões de matrizes africanas, e falando delas estamos falando das indumentárias.

Afinal, nas culturas africanas acredita-se que o pano que veste o corpo transmite uma mensagem social e o corpo, por sua vez, é uma tela em branco a ser preenchida. A foto a seguir, destaca o que foi dito anteriormente, as cores vibrantes, as camadas de tecidos e o grafismo encontrado no vestido feito da marca Meninos Rei, traz identidade e imponência ao look criado exclusivamente para a Taís Araújo.

Figura 8 - Taís Araújo veste Meninos Rei

Fonte: Extra Moda (2023)

3 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E O MERCADO AFRO BRASILEIRO

Neste capítulo, será mostrada a possibilidade de implementar as culturas africanas na moda cotidiana brasileira, com a intenção de influenciar e incentivar a população negra no uso de peças que mostram a história, além de destacar alguns costumes das culturas do continente africano já praticados na cultura brasileira. Percorrendo as tradições africanas, a moda afro tem uma influência marcante na cultura brasileira, sendo capaz de observar a identidade dos povos africanos. Uma das maiores heranças da África vinda para o Brasil é a Umbanda, religião afro-brasileira que apresenta elementos das religiões africanas, proveniente do espiritismo, inspirado nas tradições e no culto dos orixás e divindades do Candomblé, este assim, culto religioso africano.

Vale enfatizar, que os africanos escravizados produziram suas próprias roupas, além da fabricação de diversos outros objetos, como cerâmica, pintura, esculturas, as quais contavam histórias de diversos povos. Voltando à moda, parte da herança africana vem do uso de acessórios, lenços, pulseiras, colares, cangas estampadas, e pela memória de datas comemorativas - o uso de rendas e roupas brancas, por exemplo, que eram usadas nos rituais religiosos, hoje estão enraizadas na cultura da população contemporânea no Brasil, como a tradição de usar branco no réveillon.

> Para entender como uma identidade cultural se transformou em moda, precisamos resgatar de onde nasceu seu primeiro desenho, o traçado inicial. Foi através da escrita, de símbolos com múltiplos significados, que comecei este trabalho de documentar a origem estética da identidade brasileira, materializado no design de moda. Analisar a simbologia e a maneira de se comunicar de etnias africanas me proporcionou entender um pouco mais a minha cultura. A partir daí, busquei identificar formas e ritos que fazem parte do nosso cotidiano, para sabermos separá-los, a fim de identificar sua origem – se africana, indígena ou portuguesa. Mas o resultado dessa mistura é uno, é brasileiro (VIDAL, 2015, p. 15).

Na sociedade brasileira vigente, se nota que a moda tem influências culturais que apresentam bases das nossas origens negras, o que é atestado pela música, pela culinária, pela arquitetura e pela moda.

A moda afro-brasileira é um meio de conectar os descendentes à sua ancestralidade e lembrar sobre a história de resistência dos povos escravizados. As

releituras das vestes africanas, através de cores, estampas e acessórios, trazem para a moda cotidiana no Brasil um pouco dos costumes.

No cenário contemporâneo, a Bahia é o estado brasileiro que mais se conecta à cultura afrodescendente, que de acordo com o Jornal Correios “Salvador é a África explorada, ressignificada e aqui herdada”, com 80% dos habitantes declarados pretos e pardos. Os trajes das baianas, essas que se tornaram Patrimônio Imaterial do Brasil em 2005, pelo Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), fazem uma comunicação visual que se assemelha aos costumes falados acima. Preservar as tradições africanas na moda, é a forma de honrar os ancestrais e resistir à luta contra o racismo, além de incentivar a população preta e parda a se autoconhecer, fazer presente a identidade visual de suas origens, como o uso de combinações de cores e estampas.

Algumas instituições impulsionam a moda africana no Brasil, lutando pela igualdade de mercado, oferecendo uma moda preta para a sociedade brasileira, com o objetivo de potencializar a inclusão social e cultural. A Feira Ébano, por exemplo, é uma grande referência para o reconhecimento das culturas africanas. Pelo Instagram a feira é intitulada na bio como a maior feira afro do estado de Minas Gerais, criada como forma de valorização de empreendedores pretos.

Já no âmbito dos tecidos, a Casa das Kapulanas é uma marca têxtil especializada em tecidos e exclusividades africanas, fundada em 2016 e administrada pela criadora, a empresária Toalá Antônia, a equipe oferece a tendência e conexão com a ancestralidade africana através dos tecidos e suas estampas. Inspirada em Nana de Benz, mestre no comércio de tecidos nas nações de língua francesa da África entre os anos 70 e 90, Toalá criou a Casa das Kapulanas com o objetivo da moda e identidade cultural se encontrarem, de acordo com site da marca a empresária “construiu o seu negócio sobre os pilares de qualidade, exclusividade e empoderamento feminino”.

Figura 9: 8° edição da Feira Ébano

Fontes: Instagram @feiraebano (2024)

Figura 10: Fundadora da Casa das Kapulanas

Fonte: Instagram @casadaskapulanas

Na confecção de peças, como referência temos as marcas Meninos Rei e Boutique de Krioula. A Boutique de Krioula foi criada em 2012, por Michelle Fernandes e Célio Campos, considerada pioneira na moda afro, tudo começou com a paixão de Michelle por turbantes, onde iniciou as vendas do acessório, que foi crescendo até vir a ser a Boutique conhecida hoje, atualmente a marca oferece uma linha de Afro-joias como brincos e aneis, desenhadas uma a uma, além de bolsas e os turbantes nacionais e internacionais, vindas do continente africano.

A Meninos Rei é uma marca de roupas baiana, lançada há 6 anos pelos irmãos Céu Rocha e Júnior Rocha, com o intuito de reverenciar a ancestralidade, tendo como base os tecidos africanos, no site da marca eles falam que “a proposta da marca e enaltecer nossa cultura ancestral e celebrar a valorização da nossa raça. A Meninos Rei veste com autenticidade, representatividade e originalidade!”.

Figura 11: Fundadores da Boutique da Krioula

Fonte: Site da marca (2024)

Figura 12: Meninos Rei na SPFW 2024

Fonte: Site da SPFW (2024)

Os resultados obtidos até o momento desta pesquisa sugerem que o afroempreendedorismo é um segmento em expansão no mercado da moda brasileira, trazendo uma identidade negra única, misturando técnicas ancestrais com o estilo contemporâneo. De acordo com dados do SEBRAE, o empreendedorismo negro no Brasil movimentam 1,7 trilhões por ano, cerca de 51% dos brasileiros que empreendem são pretos e pardos, e deste, 52% são mulheres.

> Cada negócio criado por um empreendedor afrodescendente tem o potencial de moldar histórias, de desafiar estereótipos e de influenciar positivamente gerações futuras (CARTAXO, 2023, p.12).

Apesar de enfrentar vários desafios, a moda afro-brasileira vem resistindo de forma política para resgatar e trazer representatividade e valorização da herança histórica à população negra. Pode parecer um fenômeno recente, mas o afroempreendedorismo está presente no processo de liberdade e autonomia, protagonizando a necessidade de criar sua própria história, Joaquim Cartaxo escreve que “propugnam por inclusão socioeconômica com isonomia de oportunidades”.

> Quando os empreendedores afrodescendentes estruturam seus negócios, alcançam resultados que ultrapassam o patamar do sucesso pessoal: seus esforços criam fontes de sustento, geram oportunidades de emprego em suas comunidades (CARTAXO, 2023, p.16).

Como dito anteriormente, o afroempreendedorismo não busca atender apenas o mercado afro, mas sim fortalecer a identidade, produtos afros criados por uma população negra para uma população diversificada, fazendo com que os afroempreendedores tenham seu devido reconhecimento dentro do mercado de trabalho.

4. EDITORIAL

Editorial é uma ferramenta publicitária na moda que tem como objetivo conectar o público ao produto, usando a linguagem semiótica, ativada através da imagem. Quem fica responsável por essa ligação é o produtor de moda, ou também, stylist, o profissional de moda que combina elementos necessários para construir uma linguagem visual das marcas para os consumidores.

Cristiane Mesquita (2022) afirma que “o stylist de moda é o profissional que comanda o ciclo de criação da imagem, desde a pesquisa, a concepção de projeto e sua realização, até a chamada pós-produção ou finalização”. Ou seja, ele fica responsável por organizar e coordenar todo o projeto.

A jornada deste editorial começou após o desenvolvimento da parte teórica do trabalho, iniciando pelo estudo de imagem para acompanhar o pensamento da pesquisa, os tecidos, a busca por peças que fizessem uma composição adequada e conversassem com a pesquisa teórica sobre os tecidos tradicionais africanos. Iniciou-se, então, a criação dos moodboards, que dão a base para a criação do editorial de moda, seguido pelo casting das modelos e montagem dos looks. As duas primeiras peças escolhidas, o vestido sereia com estampas de máscaras africanas (figura 17) e o vestido ombro a ombro, com fenda (figura 19), são de acervo pessoal, já as demais, por falta de acervo, foram confeccionadas especialmente para o editorial. Para a confecção, foram selecionados os tecidos tradicionais africanos, seguindo uma linha de cor, o amarelo. Com as peças encaminhadas, foi marcado o horário no estúdio, com o fotógrafo e com a maquiadora, acertando os detalhes para a criação do editorial Soberania Africana.

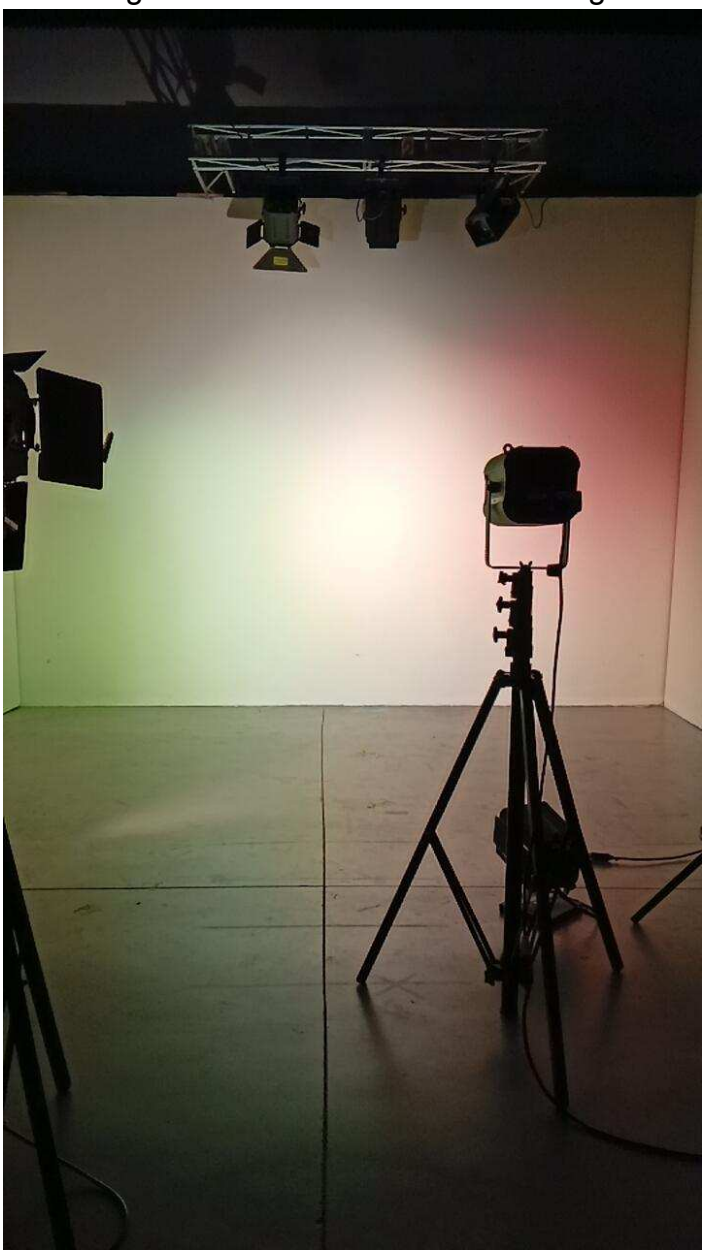
4.1 SOBERANIA AFRICANA

O editorial de moda intitulado “Soberania Africana” foi criado para atravessar as telas, mostrando o poder da mulher ao se conectar com as raízes ancestrais africanas. Em conformidade com o título do editorial, as fotos mostram uma imponência feminina através das modelos, utilizando a majestosidade dos tecidos culturais do continente africano.

4.1.1 Locação

A locação escolhida para fazer o editorial foi o estúdio de cinema e audiovisual do Instituto de Artes e Design na Universidade Federal de Juiz de Fora, o Estúdio Almeida Fleming, para que o resultado ficasse sólido e tivesse a iluminação presente como aparece nas referências.

Figura 13: Estúdio Almeida Fleming

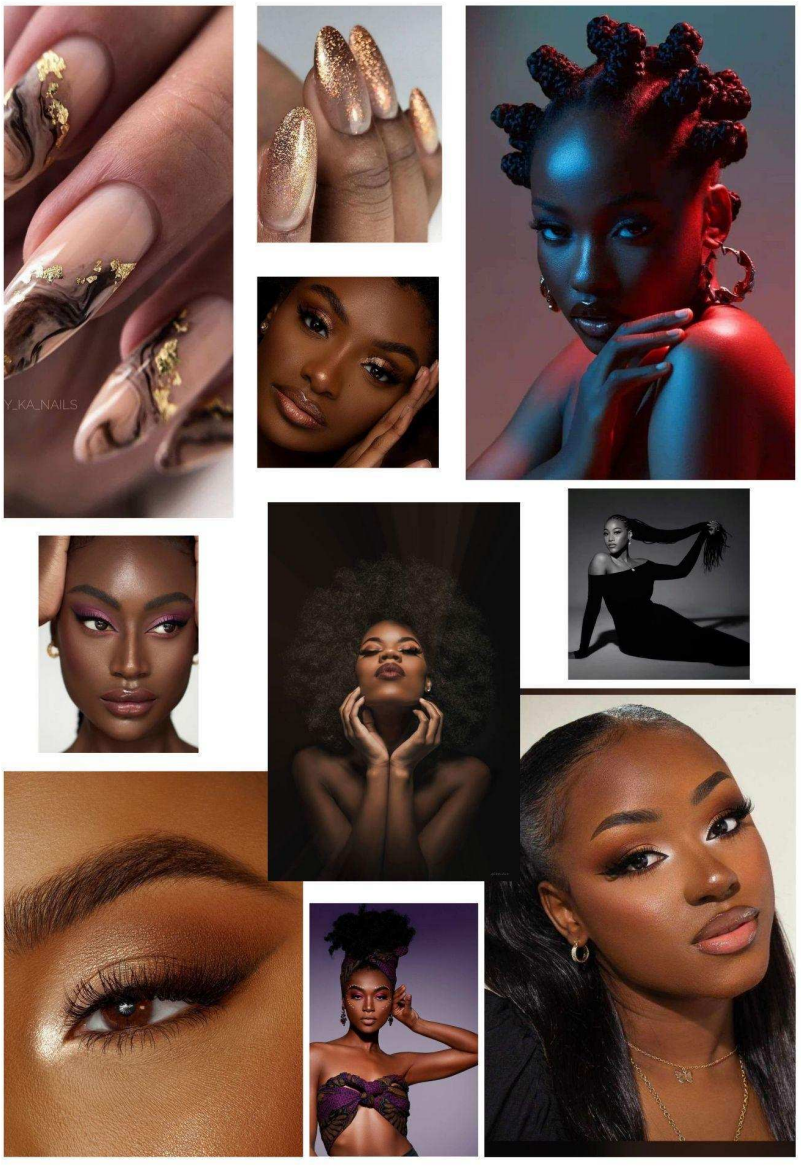


Fonte: Autoria Própria (2025)

4.1.2 Beleza

As maquiagens foram pensadas para seguir um lado mais natural, pele com acabamento matte, olhos marcados em tons terrosos e a boca com contorno e gloss. A ideia para os cabelos era trazer a diversidade dos penteados em cabelos afro, modelos apenas com os cachos soltos, um penteado com coquinhos e um black power, foi adicionado uma modelo com tranças e até com um adorno, o turbante.

Figura 14: Prancha de Beleza

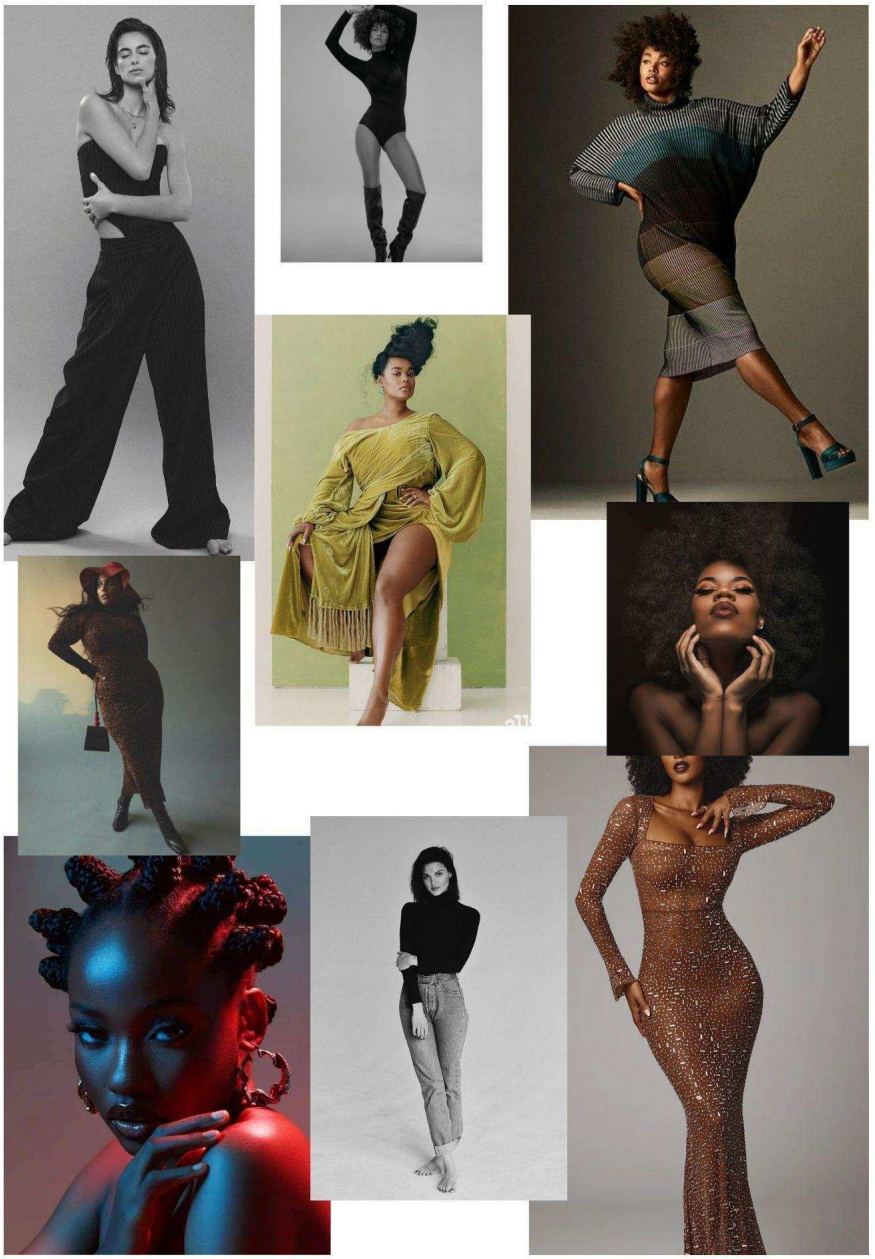


Fonte: Autoria Própria (2025)

4.1.3 Pose

Para as modelos foram escolhidas as poses que mais valorizaram ou evidenciaram as peças, todas as poses pensadas para remeter ao poder feminino e à imponência.

Figura 15: Prancha de Poses

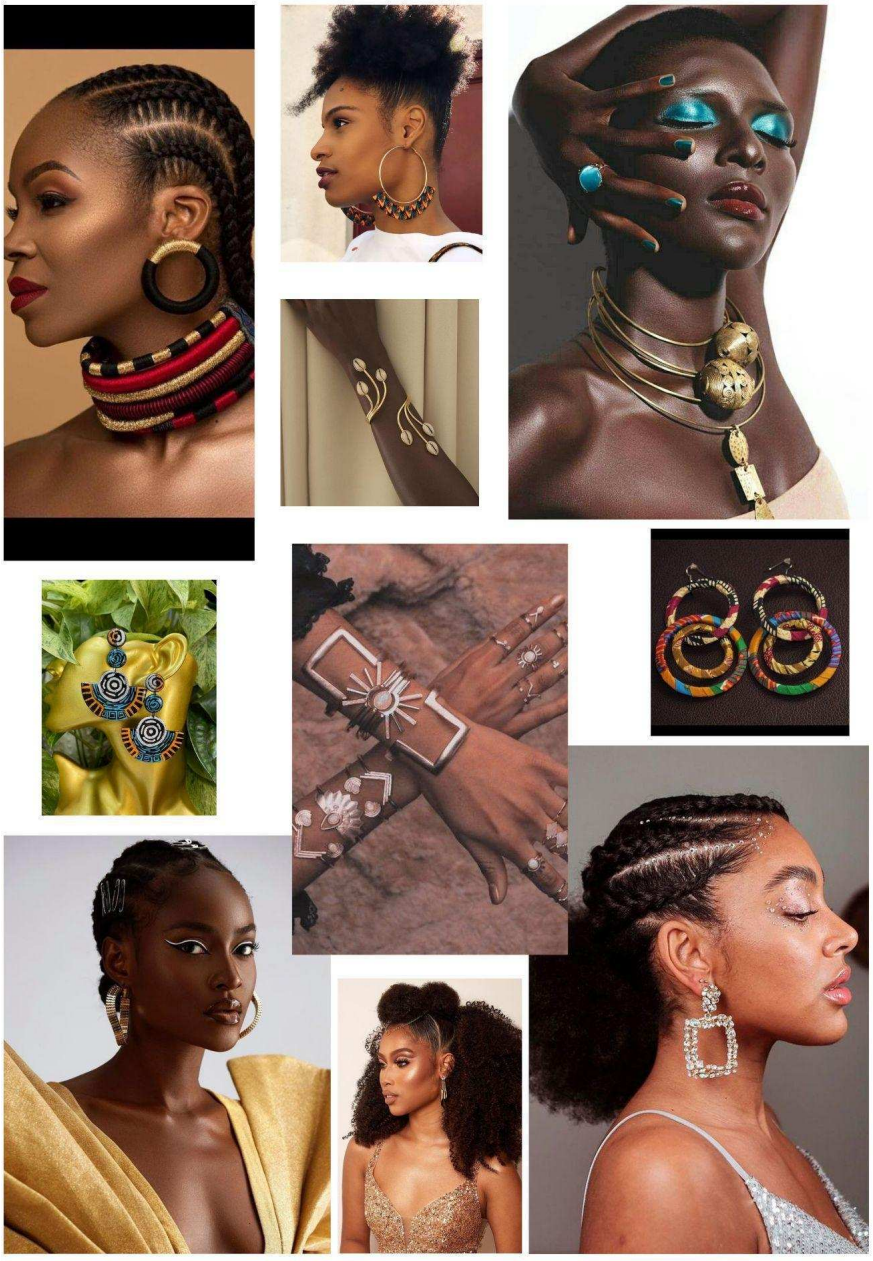


Fonte: Autoria Própria (2025)

4.1.4 Acessórios

Os acessórios escolhidos para compor são maximalistas, fazendo composição com várias peças. Em sua maioria nas cores prata e dourado com pedras, remetendo ao poder e riqueza, mas também há acessórios que lembram as identidades culturais africanas.

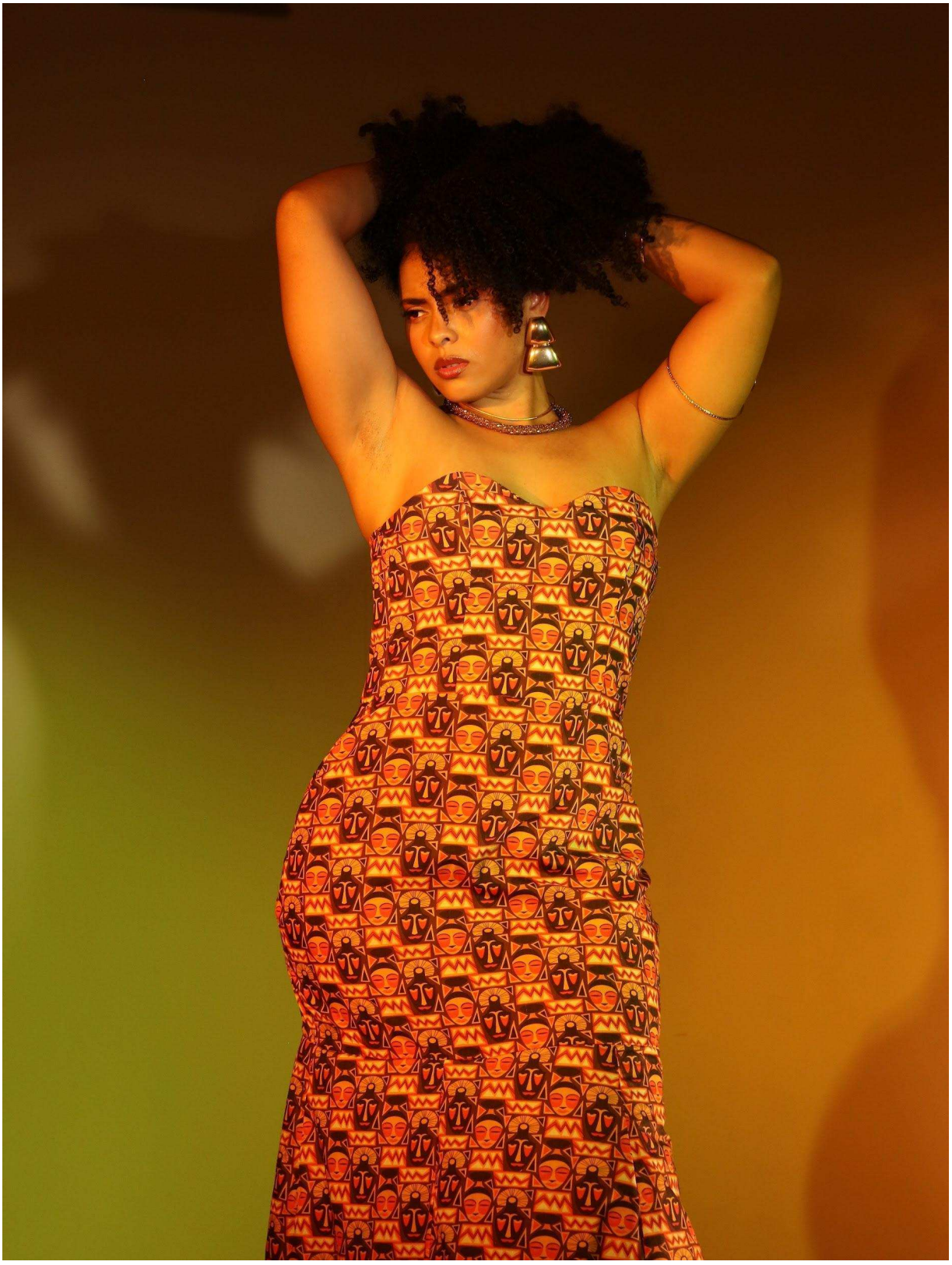
Figura 16: Prancha de acessórios



Fonte: Autoria Própria (2025)

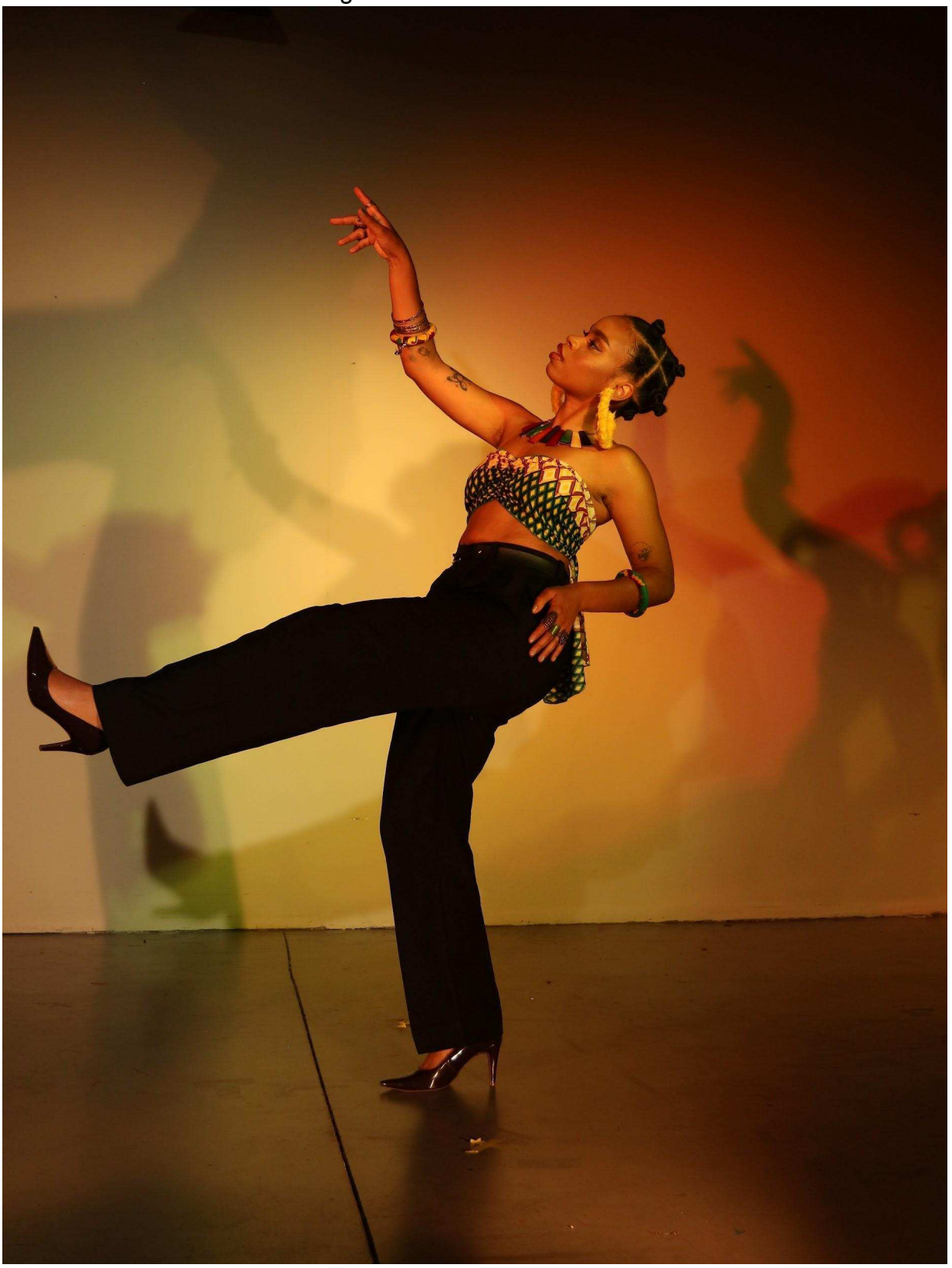
4.2 FOTOS

Figura 17: Duafe



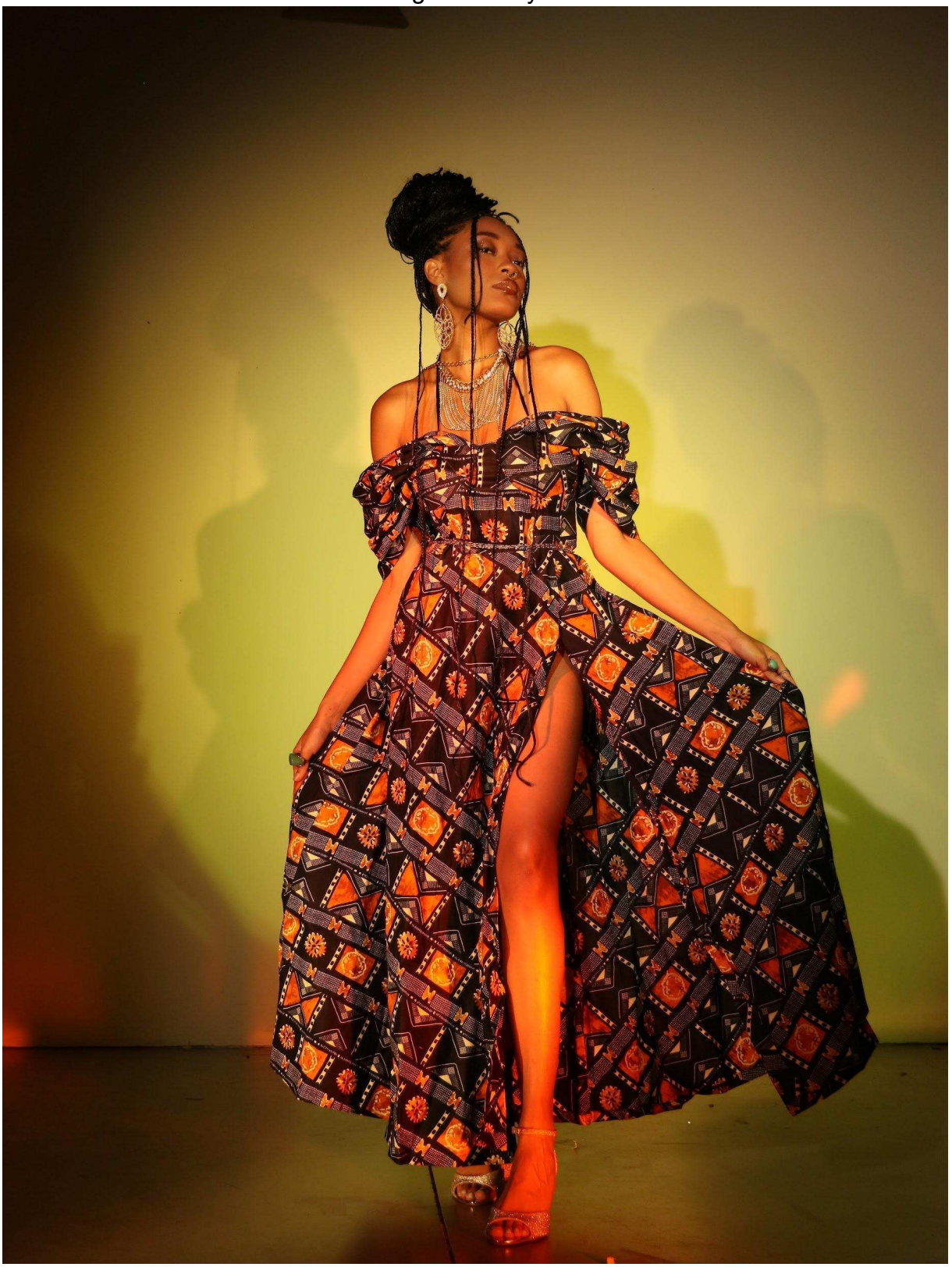
Fonte: Autoria Própria (2025)

Figura 18: Ananse Ntontan



Fonte: Autoria Própria (2025)

Figura 19: Aya



Fonte: Autoria Própria (2025)

Figura 20: Nyansapo

Fonte: Autoria Própria (2025)

Figura 21: Sankofa

Fonte: Autoria Própria (2025)

Figura 22: Wawa Aba

Fonte: Autoria Própria (2025)

Figura 23: Mpatapow

Fonte: Autoria Própria (2025)

Figura 24: Bese Saka

Fonte: Autoria Própria (2025)

4.3 CRÉDITOS DO EDITORIAL

Editorial: Moda
Título: Soberania Africana
Criadora: Crisley Kelly
Orientação: Profª. Drª. Gabriela Andrade de Oliveira.
Fotografia: Yuri
Assistente de Fotografia: Rayssa Nascimento
Direção de Fotografia: Erick Amorim
Produção: Vitória Bicalho
Maquiagem: Daniele Lana
Modelos: Fernanda Borges, Estrela, Lara Lopes, Anna Carolina, Dhara e Micaella Souza
Acessórios: Acervo pessoal
Roupas: Daniele Lana, Fernanda Borges, Crisley Kelly, Vitória Bicalho, Micaella Souza.
Locação: Estúdio Almeida Fleming com apoio do curso de Cinema e Audiovisual
Técnica do estúdio: Laura Helena.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado "*Tecidos, cores e estamparias:* a resistência das culturas africanas na imagem de moda", foi criado a partir de uma curiosidade sobre a semiótica dos tecidos africanos e as culturas que neles contam história, com isso, o objetivo de aproximar essas culturas com a brasileira, tornando a afro brasilidade, na imagem de moda.

Visando alcançar a melhor forma de incentivar e inspirar, principalmente a população negra, o uso de um material tão rico e empoderado, os tecidos africanos, a pesquisa realizada apresenta a história de alguns tecidos, além de como o afroempreendedorismo brasileiro ajuda na circulação dessas culturas no país, além de mantê-la viva. Para a imagem de moda, pode-se observar que os tecidos e suas estampas trazem um vínculo com o público a ser alcançado, dando sentido à comunicação, através da linguagem visual.

É importante ressaltar as dificuldades encontradas ao longo do caminho, a falta de material teórico específico que levou o resultado final, a parte prática, a ser diferente do que foi pensado inicialmente, um catálogo de tecidos. Infelizmente, ainda há poucos conteúdos literários para se inspirar, porém a história das culturas africanas, principalmente os tecidos, é um assunto que vem ganhando força e começando a aparecer, sendo assim possível apresentar algumas referências e dar continuidade a pesquisa.

Devido a essas dificuldades, para dar continuidade a pesquisa foi preciso usar referências de pessoas pretas que são uma potência e inspiração, como a autora e ativista brasileira, Lélia Gonzales, diante da força que suas palavras têm até hoje, e a sua luta e pioneirismo em pesquisas sobre cultura negra no Brasil. Lélia também se tornou referência para a criação da imagem do editorial que resulta a parte final dessa pesquisa, “*Soberania Africana*”.

A conclusão da parte teórica, deu espaço ao início da pesquisa da parte prática, selecionando referências que coubessem no que se queria passar imageticamente a criação de uma identidade visual ao editorial. Optando por seguir uma linha de raciocínio mais simples, visualmente, mas sem perder a imagem de empoderamento feminino, algumas pranchas de referências foram criadas, estúdio com luz fria, maquiagem com o olhar mais marcante, acessórios maximalista e as

roupas com estilos variados, pois a ideia é inserir a estamparia africana no cotidiano, em várias ocasiões.

Em síntese, o trabalho apresentou diversos elementos significativos. Inicialmente, a moda dentro do processo de ressignificação, através da história das estamparias africanas e o processo cultural no Brasil com a influência do continente africano no país, levando à uma imagem na moda. Em seguida, a potência que o afroempreendedorismo tem no mercado brasileiro, ajudando no consumo desses produtos que conectam a ancestralidade. Por fim, a produção visual produzida, o editorial, que mostra o poder feminino negro.

Conclui-se, que apesar das dificuldades enfrentadas no processo da pesquisa, a autora realiza com satisfação a sua criação e produção de moda, abrindo espaço para mais produções e possibilidades nessa temática.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIA, Toalá. **Tecidos e Estampas Africanas:** Uma Jornada Cultural. São Paulo: Blog Casa das Kapulanas, 2024.

ANTÔNIA, Toalá. **Bogolanfini:** Tramas de Terra e Tradição no Coração da Moda Africana. São Paulo: Blog Casa das Kapulanas, 2024

ARRUDA, Dyego O.; VIDAL, Julia. **Influências dos tecidos e das estamparias africanas na identidade e na cultura afro-brasileiras.** São Paulo: Revista d'Obras, n°30, 2020.

ARTESANATO, Atlas do. **Têxteis Kuba.** Disponível em: **https://craftatlas.co/crafts/kuba-textiles,** Acesso em: 19 de março de 2025.

BRASIL. **Decreto nº 4.886 de 20 de novembro de 2003.** Institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial - PNPIR e dá outras providências. Brasil, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4886.htm. Acesso em: 19 de março de 2025.

CARTAXO, Joaquim. **Afroempreendedorismo:** anotações para diálogo**.** Fortaleza: Sebrae Ceará, 2023.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social:** classe, gênero e identidade das roupas. 2ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

GONÇALVES, Luiza. **Do Benin a Salvador:** onde a herança africanas se manifesta nos baianos. Salvador: Revista Correio, 2023.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** Rio de Janeiro: Revista Tempo Brasileiro, n° 92/93, 1988.

INIKORI, Joseph E. **A África na história do mundo:** o tráfico de escravos a partir da África e a emergência de uma ordem econômica no Atlântico**.** Brasília. UNESCO, 2010.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos:** história, tramas, tipos e usos. Editora Senac São Paulo, 2017.

SOARES, Elza. **A carne.** Rio de Janeiro: Gravadora Maianga, 2002.

VIDAL, Júlia. **O africano que existe em nós, brasileiros:** moda e design afro-brasileiro. Editora Babilonia. 2015.

VIGELAND, Kristen. **Histórias de tecidos: Nossos tecidos Kente de Gana.** Site True Fabrics, 2021. Disponível em: https://truefabrics.de/pt/2021/12/28/stoffgeschichten-unsere-kente-stoffe-aus-ghana/. Acesso em: 19 de março de 2025.